



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8477 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 04 - Didática

**PROJETO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARTICIPATIVO: POTENCIALIDADE DAS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM DO DF**

Danielle Mendonça Sousa Ferreira - UnB - Universidade de Brasília

**Projeto DIDÁTICO-pedagógico participativo: potencialidade das comunidades de aprendizagem do DF**

O presente trabalho é parte da pesquisa de mestrado acadêmico, concluída em agosto de 2020, do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Brasília. A pesquisa buscou analisar à luz de uma perspectiva crítica e dialética o processo de transição das Escolas Asas e Eixos (nomes fictícios) da rede pública de ensino Distrito Federal para uma organização pedagógica, teórico-metodológica nos fundamentos da proposta de Comunidades de Aprendizagem.

Cabe ressaltar que a pesquisa foi realizada nas duas escolas sem evidência de um estudo comparado, mas na intenção de aproximação das realidades de cada uma, tendo em vista a diversidade dos sujeitos e das práticas educativas exercidas. O caminho metodológico primou pelo método crítico e dialético, numa abordagem qualitativa de estudo de caso que evidenciada por procedimentos e instrumentos de valorização dos sujeitos envolvidos (2 diretoras de escola, 2 coordenadoras, 8 professores e 14 estudantes) na pesquisa, suas significações e sentidos constituídos (questionários, entrevistas, observação em campo, grupo focal e análise documental) objetivou desvelar o sentido de inovação que orienta o projeto Comunidade de Aprendizagem em implementação em duas escolas públicas do Distrito Federal.

Dentre as potencialidades do trabalho pedagógico realizado nas duas escolas está o Projeto Didático-Pedagógico Participativo com enfoque nas ações mais dialógicas, no estreitamento da relação escola-comunidade, na participação ativa dos responsáveis na organização e planejamento das propostas pedagógicas e na participação dos estudantes nas tomadas de decisão na escola por meio de rodas de conversa e assembleias escolares.

Ao consideramos o planejamento como projeção das possibilidades que viabilizem o alcance das finalidades, há de se considerar que as escolas Asas e Eixos desejam por meio de seus projetos pedagógicos formarem pessoas críticas, capazes de se relacionar e autônomas em seus processos de busca pelo conhecimento por meio da construção coletiva e da

participação de todos nos estudos e debates para a consolidação de uma comunidade escolar que promova práticas educativas emancipadoras.

Para que o planejamento pedagógico se constitua como processo de pensar e organizar processos educativos emancipatórios na CA, a relação pedagógica entre adultos e estudantes é basilar. Consta no PPP da escola Eixos que “escolas são pessoas e pessoas praticam valores, por isso, cabe-nos, também, definir o perfil dos educadores, a partir dos princípios e valores que norteiam nossa prática.” (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 15).

Entretanto, no planejamento coletivo do trabalho pedagógico, o docente pode diante de suas particularidades, experiências profissionais ou influências sociais, não praticar os valores definidos como essenciais para o projeto da escola. Nesse caso, caberá à comunidade escolar debater e discutir as peculiaridades que possam obstaculizar a realização dos trabalhos pedagógicos decididos pela coletividade. Planejar é projetar, lançar à frente, pensar nas possibilidades. (SILVA, 2017, p. 27)

As relações criadas, consolidadas e reafirmadas constantemente na sociedade atual, induzem e influenciam as relações na escola, inclusive seus valores. Por outro lado, a intenção de mudar a escola pelo trabalho educativo numa luta contra hegemônica é um permanente vir a ser, um processo que precisa aproximar-se constantemente de ações concretas que se revelam na práxis educativa (ALGARTE, 1994).

Sobre as possibilidades encontradas pelas duas escolas para efetivarem um planejamento participativo, os Projetos Políticos-Pedagógicos (PPP), narrativas e observações indicaram que muitos dos objetivos e ações traçadas foram viabilizados pelas práticas pedagógicas denominadas de dispositivos, e outros ainda não se efetivaram devido aos desafios para concretização no cotidiano escolar.

A fundamentação teórica do projeto participativo das duas escolas destaca a aprendizagem dialógica, procurando envolver todos os integrantes da comunidade escolar em uma perspectiva não hierarquizada das relações. Assim, algumas ações como a assembleia escolar e as comissões de responsabilidade, são meios para que todos participem da tomada de decisões e condução de situações, valorizando a aprendizagem dialógica por meio das interações e dos diálogos numa perspectiva mais autônoma e reflexiva. (MELLO; BRAGA; GABASSA, 2012, p. 43)

Asas e Eixos utilizam a roda de conversa e as assembleias escolares como dispositivos pedagógicos de planejamento e avaliação. Para avaliar alguma situação, as crianças são orientadas a nunca exporem pessoas, mas sempre as situações, tendo em vista manter a potencialidade formativa da atividade que preza pelo diálogo, pois “a tentativa de modelar comportamentos, utilizando-se para isso de recursos meritocráticos, assenta-se no ideal neoliberal de responsabilização individual que incide sobre o ato educativo, influenciando-o fortemente.” (SOARES, 2019, p. 32)

Mesmo considerando os efeitos positivos das atividades que envolvem a participação dos estudantes nas duas escolas, narrativas dos estudantes revelam a necessidade de equilibrar a aprendizagem dialógica e aprendizagem instrumental. É importante destacar que deixar o processo de aprendizagem a cargo da espontaneidade da criança, revela uma perpetuação de condições sociais desiguais.

A instrumentalização na perspectiva da PHC, diz respeito às ferramentas básicas culturais necessárias ao estudante para leitura, compreensão, interpretação, avaliação e transformação da realidade. Para isso, é necessária a democratização do saber existente e construído pela humanidade como forma de base para o possível avanço às novas descobertas

no processo de construção do conhecimento elaborado (SAVIANI, 1994).

Respeitar e valorizar as experiências dos estudantes não significa deixá-los à deriva de seus próprios interesses. Nesse sentido, vale destacar que “a aprendizagem dialógica numa perspectiva emancipadora, não se opõe à aprendizagem instrumental (...), o que acontece é justamente o contrário: a aprendizagem instrumental se intensifica e se torna mais profunda a partir da aprendizagem dialógica” (MELLO; BRAGA; GABASSA, 2012, p. 64).

Talvez e infelizmente, a relação entre a aprendizagem instrumental e a aprendizagem dialógica ainda esteja em efeito “gangorra” para a maior parte dos projetos escolares que desejam se tornar uma CA. Como se uma sempre tivesse que entrar em campo de forças com a outra, não reconhecendo nelas uma unicidade no sentido de aprofundamento das aprendizagens.

Mesmo com a intenção de fomento à participação dos estudantes nos grupos ou comissões de responsabilidades, outro dispositivo pedagógico das duas escolas, esses grupos não se organizaram por um desejo próprio dos estudantes, mas se valeram da indicação, organização e muitas vezes, convencimento dos adultos da escola. No entanto, esse pode ser o início de auto-organização estudantil, importante ação da escola para a autonomia das crianças, mas faz-se necessário sempre avaliar se esta ação está imbuída de interesse e sentido para elas, para que não se torne um processo de regramento ou formalidade escolar com ênfase na manipulação e atendimento a interesses particulares (PISTRAK, 2000).

Além dos grupos de responsabilidade, há indícios de que o objetivo do planejamento pedagógico participativo esteja na organização da própria criança com seu tempo livre e com o tutor que é o professor que admite outra característica junto ao seu núcleo de aprendizagem, revelando nova atuação docente. Como tutor, o professor não direciona os estudantes, mas os acompanha.

Cabe ressaltar que os objetivos de aprendizagem para os estudantes da Educação Básica no DF, se valem de uma pedagogia fundamentada numa concepção social e política que valoriza as práticas sociais iniciais dos estudantes numa perspectiva de uma aprendizagem dialógica, mas avança para uma compreensão mais elaborada do saber por meio da articulação dessas experiências iniciais com o conhecimento científico elaborado pela humanidade. Essas não são dimensões opostas, mas especialmente articuladas em relação ao desenvolvimento integral do indivíduo, tendo em vista que no sentido pedagógico, as relações entre ensino e aprendizagem, professor e estudante se dão no e pelo diálogo fomentando o desenvolvimento das aprendizagens.

Assim, superar uma relação escolar ou de sala de aula opressora e hierarquizante não significa valer-se de uma concepção experimental ou anticientífica. Para que isso aconteça é necessário investir na relação pedagógica que possibilite os diálogos, os saberes, os interesses, as decisões e os planejamentos compartilhados com os que são protagonistas no processo de aprendizagem. Na perspectiva de projeto mais participativo das duas escolas, o professor não será mais aquele que ensina, mas, o que estimula como educador para a Escola Eixos, e o que auxilia para a Escola Asas.

Há de se considerar que o advento de não relacionar a função do professor com a de ensinar pode ser um equívoco em relação ao papel social e político para a atuação profissional docente, tendo em vista as intenções neoliberais em enfraquecer, “desinstitucionalizar”, desvalorizar e desintegrar as políticas educacionais (LAVAL, 2004), entre elas, a formação de professores.

Nas observações realizadas, encontramos três dimensões apresentadas no texto dos

PPP das duas escolas para a docência: ensino, auxílio e orientação. Mesmo nos espaços de aprendizagem em que os professores estavam vivenciando os núcleos de transformação, a instrução acontecia ao mesmo tempo em que a orientação para a pesquisa, planejamentos livres e roteiros de aprendizagem, sem um aspecto determinista sobre a ação de ensinar.

De acordo com as perspectivas de alguns professores que participaram da pesquisa, o planejamento participativo ainda está em fase de organização e debate para melhor funcionamento nas escolas e mesmo que em muitas ações colaborem para maior participação dos estudantes e fomento à criticidade e autonomia, “é necessário reconhecer que a educação é prática social intencional e transformadora das realidades, deve ser planejada (...) como possibilidade de propor uma organização do trabalho pedagógico que supere as práticas conservadoras e cristalizadas de ensinar, aprender e avaliar.” (SILVA, 2017, p. 37)

Todavia, o planejamento participativo como instrumento de mudança relacional entre professores e estudantes nas Escolas Asas e Eixos tem potencialidade, levando em consideração situações de maior debate, diálogo e participação das crianças nas tomadas de decisões e viabilizando possibilidades de minimizar as relações prejudiciais de centralização de poder e silenciamento estudantil.

**Palavras-Chave:** Comunidades de Aprendizagem; Distrito Federal; Projeto Participativo; Didático-Pedagógico.

## REFERÊNCIAS

ALGARTE, R. **A Escola e o desenvolvimento humano – da cooptação política à consciência crítica.** Brasília, DF: Editora Livre, 1994.

DISTRITO FEDERAL. **Projeto político pedagógico: comunidade de aprendizagem do Paranoá.** Brasília, 2019a.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.** Londrina: Planta, 2004.

MELO, R. R. de. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível.** Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa. São Carlos; EdUFSCar, 2012.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho.** SP: Expressão Popular, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** Campinas, SP. Autores Associados, 1994.

SILVA, E. F. O planejamento no contexto escolar: pela qualificação do trabalho docente e discente. In: Boas, Villas (org.). **Avaliação: Interações com o trabalho pedagógico.** Campinas, SP: Papirus, 2017.

SOARES, E. R. M. Comportamento: cabe avaliá-lo? In: Boas, Villas (org.). **Conversas sobre avaliação.** Campinas, SP: Papirus, 2019.